


# VIOLÊNCIA, MARGENS, MIGRAÇÕES: APONTAMENTOS PARA A LITERATURA COMPARADA

**Dionei Mathias\***

 <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>

**Como citar este artigo:** MATHIAS, D. Violência, margens, migrações: apontamentos para a literatura comparada. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLT14905

**Submissão:** outubro de 2021. **Aceite:** janeiro de 2022.

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir dimensões da violência, com foco na literatura de fluxos migratórios. A introdução mostram algumas dimensões do conceito de violência que se mostram relevantes para pensar seu escopo na representação literária. Nas seções que seguem, o foco recai sobre formas de violência em espaços de origem, nos espaços de assentamento e na esfera familiar. Em todas essas dimensões, a violência não é reconhecida explicitamente como tal, dada a configuração discursiva em que é perpetrada. Para seu reconhecimento, é necessária uma sensibilidade que permite enxergar interpretações alternativas da realidade, a fim de contestar práticas dominantes e nomear formas de violência. A arte literária, por natureza, tem interesse em percepção e sensibilidade, podendo contribuir para problematizar experiências de violência. Nisso, a metodologia da literatura comparada é especialmente interessante, uma vez que permite reconhecer paralelos e ter acesso a novas formas de percepção.

**Palavras-chave:** Violência. Literatura de fluxos migratórios. Literatura comparada. Literatura e margens. Literatura e minorias.

---

\* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: dioneimathias@gmail.com

## INTRODUÇÃO

■ **N**a última década, a intersecção entre violência, hostilidade e imigração tem produzido imagens impactantes nas diferentes mídias: a cinegrafa húngara chutando refugiados, o menino sírio morto na praia, policiais americanos avançando com cavalos sobre imigrantes haitianos no Texas, e, por fim, a violência contra imigrantes venezuelanos no Brasil. Essa dimensão da contemporaneidade também tem sido foco de atenção na literatura. Nesse horizonte, a literatura de fluxos migratórios não se interessa somente por questões de pertencimento ou de transculturalidade, o que tem sido uma inquietação constante. A violência também se torna objeto de representação na realidade diegética, a fim de imaginar espaços da vida e tecer críticas sociais. Ao transformar violência em malha mimética, o texto articula um conjunto de potenciais de sentido, convidando leitores a refletirem sobre suas implicações na concretização existencial.

Hostilidade e violência impactam, antes de mais nada, a forma como ações, interações e práticas da vida são conduzidas, reverberando nas modalidades de formação de grupo (inclusão e exclusão), na administração de papéis sociais (estereótipos e subordinação) e também na construção de hierarquias (imposição e silenciamento de sentidos). Nessas diferentes modalidades, violência e hostilidade se encontram inseridas em produções discursivas que traçam as coordenadas sociais do respectivo espaço social. Segundo Rondelli (1998, p. 152-153):

*Buscando problematizar a forma como são construídos os sentidos sobre a violência, examinaremos algumas formações discursivas: lugares iniciais de produção de discurso, nos quais certas representações tornam-se instituintes de um imaginário social. São práticas discursivas produtoras de sentido e de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões, a orientar a ação e a reflexão dos agentes sociais. Trata-se de um movimento discursivo que busca tornar inteligíveis os atos de violência, articulando explicações e interpretações. Assim, a emergência de atos ou fenômenos compreendidos como violentos mobiliza atores sociais a procurar ora enquadrá-los discursivamente em suas tradicionais categorias de explicação dos conflitos, ora avaliá-los a partir de novas interpretações capazes de dar conta da complexidade do fenômeno. Assim, o que se produz sobre a violência são representações múltiplas, discursos polifônicos, por vezes contraditórios, mas coerentes com requisitos institucionais diversos.*

A discussão de Rondelli aponta para alguns elementos de importância central para a problematização da violência nos estudos literários, começando pela ideia da produção de um “imaginário”. A literatura não é a única fonte de produção de imaginários sociais, mas ela tem um lugar importante nesse domínio da construção representacional de um espaço cultural. Ao inserir a violência em suas inquietações, ela contribui para o desencadeamento de reflexões que podem criar sensibilidades para determinadas formas de violência explícitas ou ainda não conscientes no imaginário social. O que se oferece a partir do universo diegético, de certa forma, é o treinamento do olhar para formas de interação.

O segundo elemento que se destaca na citação são as “práticas discursivas”. Como a citação esclarece, elas são responsáveis pela organização do sentido, isto é, pelas formas como o indivíduo aprende, em seu processo de socialização, a

decodificar o mundo e a ler seus sentidos, inserindo-os numa narrativa de interpretação da realidade. Interessada na produção de sentido como força motriz da arte do verbo, a literatura dialoga com as dimensões da realidade do seu lugar de produção, confirmando, questionando ou subvertendo as interpretações que circulam em determinadas coordenadas. Desse modo, o texto literário faz uma oferta de ordenamento do sentido, incitando leitores a verificarem como a interpretação instaurada a partir do texto provoca as interpretações adotadas na concretização existencial, no mundo extraficcional.

Decorrente desses dois movimentos, a violência, por consequência, também resulta do modo como os sentidos são administrados pelos atores sociais de um agrupamento cultural, localizado nas coordenadas de espaço e tempo. Isto é, o conceito de violência é passível de transformação, em consonância com a ordem dos discursos. O que é considerado violência numa comunidade cultural talvez não o seja em outra. O que hoje é alvo de punição por seu caráter violento, outrora ainda não estava presente no horizonte das ideias. Os fenômenos da violência, ou melhor, aquilo que uma comunidade considera violento se transforma no espaço e no tempo, produzindo formatações discursivas que definem as interpretações a serem adotadas como parâmetros para a concretização existencial. Nesse sentido, a definição daquilo que engloba violência passa por contestações:

*A violência é construída socialmente porque quem e o que é considerado violento varia de acordo com condições socioculturais e históricas específicas. Embora juristas talvez exijam definições estritas para atos puníveis, o fenômeno da violência é invariavelmente mais complexo na realidade social. Não apenas as visões sobre a violência diferem, mas os sentimentos em relação à violência física também mudam sob a influência de desenvolvimentos sociais e culturais (HAAN, 2008, p. 28-29, tradução nossa)<sup>1</sup>.*

O trabalho de contestação tem um caráter histórico, por natureza, uma vez que uma parte substancial das visões de mundo se transforma somente numa velocidade lenta, exigindo o investimento de algumas gerações para instalar alterações. Essas alterações obviamente passam por processos que, em grande parte, precisam ser arduamente negociados, a fim de gerar uma transformação nas narrativas que embasam as visões de mundo. Isso está relacionado com dinâmicas de poder e sua negociação. Segundo Rondelli (1998, p. 156): “No plano das representações, a produção discursiva sobre a violência ocorre num terreno de embates, de relações de poder, onde se luta também por uma hegemonia discursiva. Tais ordens discursivos são relacionais e/ou reativas”. Esse embate que ocorre no universo extraficcional também se dá no âmbito da ficção, em que vozes se articulam, representando ou ignorando dimensões da violência. As contestações encenadas na realidade diegética, por sua vez, servem como exercício de imaginação de alternativas, fornecendo ao público leitor novas formas de pensar o escopo da violência ou suas formatações nos respectivos espaços sociais.

Nesse horizonte, é menos importante encontrar uma definição que abarque a totalidade daquilo que pode ser considerado violência, mas encetar discussões

---

<sup>1</sup> No original: “Violence is socially constructed because who and what is considered as violent varies according to specific socio-cultural and historical conditions. While legal scholars may require narrow definitions for punishable acts, the phenomenon of violence is invariably more complex in social reality. Not only do views about violence differ, but feelings regarding physical violence also change under the influence of social and cultural developments”.

que permitam estender o escopo de sua compreensão, como propõe Galtung (1969, p. 168, tradução nossa):

*No entanto, não é tão importante chegar a algo como a definição ou a tipologia – pois obviamente existem muitos tipos de violência. Mais importante é indicar dimensões teoricamente significativas da violência que podem levar ao pensamento, a pesquisa e, potencialmente, a ação aos problemas mais importantes<sup>2</sup>.*

Uma vez que as dimensões da violência passam por modificações a cada novo momento histórico, especialmente tendo em vista as transformações dos conteúdos conscientes e das dinâmicas de participação na produção discursiva, a proposta de Galtung permanece sumamente relevante. Para os estudos literários, isso significa discutir como violência e hostilidade se concretizam na ação da realidade ficcional, mas, sobretudo, dirigir um olhar atento para as sensibilidades que o texto permite instaurar. Essa sensibilidade remete ao modo como personagens processam experiências marcadas por violência (em forma de aceitação, questionamento ou subversão, por exemplo), mas também às dimensões de consciência que vão se adumbrando à medida que as ações do enredo se desenrolam. Em leituras historicamente contextualizadas, essa sensibilidade também pode ser discutida com o objetivo de analisar a transformação da percepção, de modo a identificar o que determinados contextos socioculturais suscitam como horizonte de ideias. As diferentes intersecções de gênero, raça, etnia, idade, habilidade física e outras representam um ponto de partida profícuo para pensar como sensibilidades se transformaram, desbravando novas formas de enxergar a violência.

Isso se destaca especialmente na literatura de fluxos migratórios ou em textos com foco na representação de experiências periféricas, cujos autores, em grande parte, se instalam num novo espaço social ou cultural, muitas vezes caracterizado por estruturas hegemônicas. Olhares pautados pela experiência de imigração suscitam novos contextos de representação de violência e novas dinâmicas de articulação perante experiências de hostilidade e silenciamento. Essas produções literárias também têm um papel fundamental nos processos de revisão dos parâmetros da consciência. Assim, imigrantes, a modo de exemplo, trazem histórias de violência do seu contexto de origem, desencadeando novas percepções no país de assentamento, ou são vítimas de violência no novo espaço que os recebe, transformando as percepções das narrativas representacionais desses espaços. A literatura problematiza essas dimensões da experiência e convida comunidades leitoras a refletirem como a violência cria sensibilidades.

A partir desse horizonte, este artigo deseja trazer alguns elementos para discutir a violência na literatura de fluxos migratórios, elementos esses que podem facilmente ser estendidos para experiências de grupos marginalizados em diferentes contextos nacionais. Assim, a primeira parte se volta para a violência no espaço de origem; na segunda, para suas dimensões no país de assentamento; e, por fim, no círculo familiar, a primeira esfera social que impacta substancialmente o modo como atores sociais entendem a violência. Metodologicamente, o artigo se vale do comparatismo, a fim de ilustrar como a experiência de violência

<sup>2</sup> No original: "However, it is not so important to arrive at anything like the definition, or the typology – for there are obviously many types of violence. More important is to indicate theoretically significant dimensions of violence that can lead thinking, research and, potentially, action, towards the most important problems".

transcende o espaço nacional, permitindo pensar novas formas de solidariedade. Nesse sentido, o comparatismo fomenta novas percepções, permitindo identificar semelhanças estruturais, independentemente do pertencimento nacional do texto literário.

## **PARTIDA: VIOLÊNCIA E PASSADO**

A violência nos países de origem é uma das principais motivações para a imigração. Conflitos bélicos ou de outra natureza, em grande medida, decorrem de configurações discursivas que legitimam o uso da violência, enfeixando a energia física, intelectual e emocional de grandes agrupamentos em direção daquilo que a respectiva narrativa sugere como objetivo social. Essas narrativas precisam constituir a imagem do inimigo, identificar estruturas a serem debeladas e oferecer uma promessa de futuro como motivação. A organização discursiva instaurada para legitimar a violência raramente empreende o esforço de diferenciação, já que a obtenção de poder passa por um processo de simplificação para garantir o enfeixamento de energias. Nesse horizonte, muitos atores sociais repentinamente se encontram à deriva, sem um espaço social que ofereça os parâmetros para uma concretização existencial. A compreensão dessas dinâmicas complexas de pertencimento e exclusão depende da instauração de uma sensibilidade capaz de captar os movimentos que desencadeiam migrações. Para discutir essa dimensão, serão abordados três exemplos: *Der falsche Inder*, de Abhas Khider, *Antes da liberdade*, de Julia Alvarez, e *Le fou d'Omar*, de Abla Farhoud.

O romance de Abhas Khider, autor de origem iraquiana que se estabelece na Alemanha, relata as experiências de um refugiado que escapa da perseguição política, passando por vários países, antes de obter asilo político na Alemanha. O histórico desse deslocamento tem como fio condutor a experiência de violência. Em um episódio-chave, a voz narrativa adombra o contexto:

*Para aumentar o medo de meu pai, um dia o serviço secreto iraquiano apareceu em nossa casa. Como resultado, tive que passar um ano e meio e exatamente quatro dias da minha vida na prisão porque em algum lugar e em algum momento eu tinha falado mal do presidente e seu partido para alguns amigos que trabalhavam com partidos proibidos e por ter ajudado esses amigos a distribuir folhetos. Não havia papéis ou canetas na prisão. Os carcereiros os consideravam perigosos, pois afinal se poderia ter usado uma caneta como punhal ou poderia ter escrito, com sua ajuda, mensagens subversivas nas folhas de papel (KHIDER, 2008, p. 28, tradução nossa)<sup>3</sup>.*

Na gênese dessa sensibilidade, encontra-se o medo que se espalha no seio da família. A configuração discursiva no país se utiliza do aparato de vigilância a fim de garantir a subordinação plena à interpretação de mundo que ela oferece. Assim, para o Estado totalitário, o uso da perseguição se encontra legitimado, pois está a serviço da manutenção de sua versão da ordem. Para o protagonista

3 No original: "Um die Angst meines Vaters noch zu schüren, tauchte eines Tages der irakische Geheimdienst bei uns zu Hause auf. Anderthalb Jahre und genau vier Tage meines Lebens musste ich daraufhin im Gefängnis verbringen, weil ich irgendwo und irgendwann mit einigen Freunden, die mit verbotenen Parteien zusammenarbeiteten, schlecht über den Präsidenten und dessen Partei gesprochen und diesen Freunden beim Verteilen von Flugblättern geholfen hatte. Im Gefängnis gab es weder Blätter noch Stifte. Die Gefängniswärter hielten sie für gefährlich, denn immerhin hätte man einen Stift als Dolch benutzen oder mit seiner Hilfe subversive Nachrichten auf die Blätter schreiben können".

e os membros de sua família, por sua vez, a violência assume outra dimensão, cuja interpretação permanece minoritária nesse espaço geográfico. Ao disseminar o medo, perseguindo não somente atores sociais com comportamentos subversivos, mas envolvendo igualmente a família, o Estado estabiliza sua versão da realidade, procurando por meio dessa estratégia pacificar o sentido adotado nesse espaço cultural. A privação da liberdade e o uso da violência se encontram na sequência da tática de instilação do medo. Nesse horizonte, a imigração representa a chance de instaurar a própria voz e articular a experiência de violência, tecendo uma interpretação de mundo que verte uma luz alternativa sobre a realidade do país de origem. A imaginação subversiva que provém do texto ficcional gera um potencial de compreender a violência a partir da perspectiva minoritária e problematizar as formulações discursivas que legitimam a violência.

O segundo texto é o romance *Antes da liberdade*, de Julia Alvarez. Socializada na República Dominicana, a autora se assenta nos Estados Unidos, depois que sua família escapa do regime ditatorial de Trujillo. Narrado a partir da perspectiva da adolescente Anita, o romance encena o clima social e a truculência do aparato de perseguição durante o período de ditadura. Como no texto de Khider, também neste exemplo o Estado totalitário instala uma configuração discursiva que interpreta a realidade, prevendo formas legitimadas de violência. A passagem que segue provém do diário de Anita:

*Ouvi algumas das histórias que os prisioneiros contaram durante as entrevistas. A mami e os Mancini estavam ouvindo o relatório da OEA na Rádio Swan agora à noite. Pensaram que eu estava escrevendo no meu diário no banheiro, mas eu ainda estava no corredor. O locutor lia alguns trechos com uma voz rotineira, mas os fatos em si eram aterradores.*

*Os prisioneiros reclamavam das unhas arrancadas, dos olhos rasgados, da cadeira elétrica a que chamavam “trono”, onde eram sentados para tomar choques elétricos e dizer quem mais estava envolvido. A um deles, serviram um bife que, ele descobriu depois, tinha sido feito da carne do seu próprio filho (ALVAREZ, 2006, p. 148).*

A passagem remete a um aspecto central sobre práticas de violência em regimes ditatoriais, a saber, a circulação de informações. Como no texto anterior, a selvageria perpetrada contra prisioneiros políticos tem a função de estabilizar a interpretação dominante e os sentidos decorrentes dessa visão de mundo. Nessa esteira, a circulação dessas informações no espaço nacional, por vezes, serve como instrumento para garantir a subordinação em massa. No fluxo de informações para o exterior, contudo, há tendencialmente um interesse em acobertar essas práticas, a fim de evitar sanções internacionais. Com isso, a percepção da violência também depende, em grande medida, da forma como o acesso a informações é garantido, de modo que outras interpretações da realidade possam vir a lume. Para a protagonista e sua família, esse acesso se dá, ao menos parcialmente, por mídias independentes que conseguem relatar o que ocorre por trás dos muros das instâncias de poder. O controle sobre a circulação, portanto, representa um mecanismo que permite tornar a violência invisível. O texto ficcional abre caminhos para enxergar essa prática.

O terceiro texto é *Le fou d’Omar*, de Abla Farhoud, autora de origem libanesa, assentada no Canadá francófono. O texto encena os traumas de uma família

que foge da guerra e busca se inserir no novo contexto cultural canadense. A passagem que segue é narrada a partir da perspectiva de Pierre Luc Duranceau, também conhecido como Rawi Omar Abou Lkhouloud, irmão do protagonista Radwan Omar Abou Lkhouloud. O esforço de Pierre no presente diegético reside em apagar o passado, mas, nesta passagem, ele recupera uma experiência-chave:

*A guerra havia começado e não íamos à escola havia vários dias. Eu ainda estava a alguns quarteirões de casa. Eu estava correndo, ia ficar escuro. Eu vi a cabeça decepada de um homem, espremida no canto de um muro, ao lado de um corpo sem braços, sem pernas. Braços e pernas amontoados, um pouco mais longe. Eu sabia que era melhor continuar correndo, mas era mais forte do que eu, eu olhei. Eu tive que olhar. Eu tinha que ver, era mais forte do que eu. Eu reconheci uma pulseira de prata brilhante. Reconheci um arco de sobancelha, cabelo, cabelo espesso e crespo, que tinha visto naquela mesma manhã; a boca estava muito deformada, mas reconheci o formato do rosto. Acho que não gritei. Se eu gritei, ninguém me ouviu, não havia ninguém na rua. Comecei a correr de novo, em um estado que nunca poderei descrever. o homem que foi trinchado era o Nabil, filho dos nossos vizinhos [...] O rosto desse homem me obcecou e apavorou durante anos (FARHOUD, 2005, p. 119, tradução nossa)<sup>4</sup>.*

Como nos outros textos, a truculência se destaca. Aqui, também se sobressai outro elemento que reside na coragem de não ignorar a violência. Evitar o confronto com as imagens da truculência representa uma estratégia de proteção pessoal, especialmente tendo em vista seu potencial de consequências psíquicas. Aqui, o personagem não desvia o olhar e assume os riscos do trauma. Essa dimensão explica, em parte, seu comportamento posterior no Canadá, onde busca elidir sistematicamente qualquer vínculo que remeta ao país de origem. Diante da experiência traumática, sua habilidade de articular interpretações da realidade de seu país retrocede, impedindo nomear essa violência específica. Certamente, cabe perguntar se, no caso desse personagem, o motivo é a experiência traumática ou o desejo simplesmente de esquecer o passado para construir uma existência nova, sem as cargas asfixiantes de suas experiências. Em ambos os casos, isso tem consequências para as formas como práticas de violência são discutidas e percebidas no novo contexto cultural. O texto de Farhoud, de certo modo, tem o objetivo de problematizar essa dimensão, encenando as dificuldades de processar e verbalizar as consequências do trauma.

Nos três romances, os protagonistas trazem consigo um conjunto de experiências que formam a base de uma sensibilidade, atenta para formas de violência e para suas consequências no modo como enxergam a realidade. Os textos ficcionais, por sua vez, inserem no aparato discursivo modalidades de identificar a violência, recuperando passados desconhecidos pelos grupos dominantes e possibilitando percepções que fundamentam novas sensibilidades. Em grande medida, a violência do passado no espaço de origem impacta substancialmente as imagens de si de indivíduos oriundos do contexto de fluxos migratórios.

4 No original: "La guerre avait commencé et nous allions plus à l'école depuis plusieurs jours. J'étais encore à quelques immeubles de la maison. Je courais, il allait faire noir. J'ai vu la tête coupée d'un homme, tassée au coin d'un mur, à côté d'un corps sans bras, sans jambes. Les bras et les jambes dans un tas, un peu plus loin. Je savais qu'il valait mieux continuer à courir, mais c'était plus fort que moi, j'ai regardé. Il fallait que je regarde. Il fallait que je voie, c'était plus fort que moi. J'ai reconnu un bracelet en argent qui brillait. J'ai reconnu une arcade sourcilière, des cheveux, une chevelure abondante, crépue, que j'avais vue le matin même ; la bouche était trop déformée, mais j'ai reconnu la forme du visage. Je ne crois pas avoir crié. Si j'ai crié, personne ne m'a entendu, il n'y avait personne dans la rue. Je me suis remis à courir, dans un état que jamais je n'arriverai à décrire. L'homme découpé était Nabil, le fils de nos voisins [...] Le visage de cet homme m'a obsédé, terrifié, pendant des années".

## CHEGADA: VIOLÊNCIA DO COTIDIANO

A chegada ao país de assentamento, dependendo da origem, muitas vezes está atrelada à experiência de exclusão, discriminação e xenofobia. Com efeito, a chegada de novos atores sociais desestabiliza a configuração da prática discursiva, que define, entre outras coisas, como chances e recursos são distribuídos. Diante da presença dos novos candidatos a membros da comunidade, surge um esforço de proteger as regras vigentes, em forma de imposição da cultura dominante. Isso também implica um movimento de manutenção das dinâmicas de poder, com suas microrregras que definem como cada ator social pode se locomover no espaço da concretização existencial. Junta-se a isso a categorização de imigrantes, como expõem Bank, Fröhlich e Schneiker (2017, p. 13, tradução nossa):

*Os atuais discursos públicos europeus, por exemplo, distinguem o “bom imigrante”, que está fugindo da guerra e do terror – por exemplo, na Síria, onde sua vida é constantemente ameaçada – do “mau imigrante”, que está migrando devido a condições econômicas miseráveis em seu país de origem e está em busca de melhores oportunidades de emprego na Europa (Occidental). Classificar os imigrantes dessa forma não só leva à aceitação ou rejeição de certos grupos nos países de destino, estabelecendo, com isso, hierarquias entre diferentes grupos de imigrantes, mas também concede a alguns certos direitos e nega esses mesmos direitos a outros, contribuindo assim para perpetuar estruturas violentas<sup>5</sup>.*

À hierarquização existente entre os membros da sociedade de acolhimento, soma-se a classificação no subgrupo de atores sociais composto por imigrantes, adicionando, com isso, novos elementos à disputa que caracteriza a participação social. Nesse horizonte de distribuição de recursos – não muito diferente da dinâmica que ocorre entre margem e centro em contextos não migratórios –, a violência, com seus mais diversos matizes, se revela como instrumento para manter hierarquias.

A intersecção específica de cada imigrante define, em grande medida, o percurso de formação da sensibilidade. São as experiências específicas que compõem a gramática emocional, suscitando percepções individuais das modalidades de violência. Para ilustrar essas experiências, serão discutidas passagens de *Selam Berlin*, de Yadé Kara, *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, de Olga Grjasnowa, *Some kind of black*, de Diran Adebayo e *Amanhã, numa boa*, de Faïza Guène. Vale lembrar que o foco central desses romances não é a violência, mas em todos eles há apontamentos que indicam como personagens oriundos de contextos de fluxos migratórios processam violência e hostilidade nas respectivas sociedades de acolhimento.

O romance *Selam Berlin*, de Yadé Kara, autora de origem turca e residente na capital alemã, tem como protagonista Hasan, filho de pais turcos que imigram

5 No original: “Current European public discourses, for instance, distinguish between the ‘good migrant’ who is fleeing from war and terror, for example in Syria, where her or his life is constantly threatened, and the ‘bad migrant’, who is migrating due to miserable economic conditions in his or her country of origin and is looking for better job opportunities in (Western) Europe. Classifying migrants in such a way not only leads to acceptance or rejection of certain groups of migrants in the receiving countries and thereby establishes hierarchies between different groups of migrants. It also endows some migrants with certain rights and denies these same rights to others, thereby contributing to perpetuating violent structures”.



para a Alemanha. Na passagem que segue, a voz narrativa relata um episódio de violência, perpetrado contra sua amiga Leyla:

*À primeira vista, você não poderia dizer que Leyla tinha uma mãe alemã. Pelo contrário, era frequentemente chamada de “noiva de Kanacke” na rua e uma vez escapou de um ataque no metrô no último momento. Na linha um, ela foi assediada por um roqueiro fascista. Quando o metrô estava no túnel, ele a pressionou contra a porta do vagão e incendiou seus cabelos com um isqueiro. Leyla olhou ao redor em pânico. Ninguém interveio. Nenhuma ajuda. Ela gritou e tentou apagar o fogo no cabelo com a jaqueta. Quando o metrô chegou à estação Zoo, Leyla desceu correndo as escadas. O fascista correu atrás dela. Ela se agarrou à primeira pessoa que encontrou e pediu ajuda. A mulher tentou acalmar Leyla e o fascista cuspiu nela (KARA, 2004, p. 101, tradução nossa)<sup>6</sup>.*

O ponto de partida do relato remete ao pertencimento étnico da amiga. Isso não é irrelevante, pois características étnicas frequentemente são utilizadas como marco diferencial para justificar hierarquizações. Ao identificar esse pertencimento, o agressor entende que pode adotar outro parâmetro de comportamento que aquele reservado para os atores sociais que, à primeira vista, lhe parecem pertencer ao seu próprio grupo. Isto é, há uma interpretação de realidade pautada por imagens que circulam num espaço social, que precedem o ato da violência, fornecendo instrumentos que incitam o agressor a agir de determinada forma. Nessa mesma esteira, talvez seja possível compreender o comportamento daqueles que testemunham a violência. Possivelmente, o crivo de hierarquização sugere que a vítima não merece o mesmo grau de solidariedade, de modo que a balança de interpretação acaba pendendo para a não intervenção.

As sensibilidades em formação são diversas: do agressor que se sente legitimado a fazer uso da violência, das testemunhas que veem e optam por não interferir (como já em outro momento histórico desse contexto cultural) e da vítima que se vê agredida e se depara com a negação de ajuda. A definição de violência, nesses diferentes contextos, tem diferentes pesos e medidas. As literaturas de fluxos migratórios e aquelas que relatam experiências às margens da sociedade treinam o olhar para esse tipo de dinâmica, ilustrando que a definição em si da violência não é suficiente, necessitando identificar as estruturas sociais que condicionam o olhar e sua nomeação.

A percepção da lógica de dois pesos e duas medidas também se revela no romance *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, de Olga Grjasnowa. Nele, a protagonista Mascha, oriunda do Azerbaijão e de família judia, traz a lume um olhar sensibilizado para como o entendimento da violência difere de acordo com as modalidades de agrupamento. A passagem relata um episódio na escola, durante a aula:

*A professora de alemão também dava aulas de Estudos Sociais, [a aula] era sobre criminalidade de estrangeiros e todos eram a favor da deportação imediata*

<sup>6</sup> No original: “Auf den ersten Blick sah man Leyla nicht an, daß sie eine deutsche Mutter hatte. Ganz im Gegenteil, oft wurde sie auf der Straße mit „Kanackenbraut“ beschimpft, und einmal war sie einem Angriff in der U-Bahn im letzten Moment entkommen. In der Linie eins wurde sie von einem Fascho-Rocker angemacht. Als die U-Bahn im Tunnel war, hatte er sie an die Waggontür gedrückt und ihr mit einem Feuerzeug die Haare angezündet.

Leyla blickte in Panik um sich. Niemand griff ein. Keine Hilfe. Sie schrie und versuchte mit ihrer Jacke die Haare zu löschen. Als die U-Bahn am Bahnhof Zoo ankam, rannte Leyla die Treppen runter. Der Fascho hetzte ihr hinterher. Sie klammerte sich an die erste Person, die ihr begegnete, und bat um Hilfe. Die Frau versuchte Leyla zu beruhigen, und der Fascho spuckte sie an”.

*de criminosos estrangeiros. Mais precisamente, tratava-se do caso Mehmet: um criminoso que também eu não gostaria de encontrar, mas o que exatamente o diferenciava de um criminoso alemão, tirando ter nascido na Alemanha, ter crescido em Munique e ter sido socializado exclusivamente em instituições de ensino públicas alemãs e, no entanto, não ter a cidadania, eu não entendia (GRJASNOWA, 2012, p. 38, tradução nossa)<sup>7</sup>.*

Pertencente a uma intersecção social completamente diferente daquela em que está inserido o criminoso Mehmet, Mascha, ainda assim, consegue questionar as lógicas adotadas para fornecer os parâmetros que interpretam a realidade. Nem seus colegas de aula, nem sua professora problematizam o fato de que o criminoso tenha sido completamente socializado naquele espaço social, o que suscita a pergunta sobre o pertencimento e as responsabilidades. No lugar dessa diferenciação, o crivo adotado se restringe ao princípio de agrupamento entre nativos e estrangeiros, oferecendo uma resposta simples, facilmente compreensível, que nesse mesmo movimento revela a complexidade de definição dos fenômenos que envolvem a violência.

Não é por acaso que a professora também leciona alemão. Grjasnowa parece questionar implicitamente se o conhecimento dos clássicos, como *Nathan, o sábio*, de Lessing, com seu convite ao diálogo intercultural, realmente impacta a concretização social. A professora parece ilustrar o contrário, juntando-se a várias outras personagens pertencentes a funções públicas estatais que não hesitam em difundir e encorajar hostilidade contra aqueles que não pertencem ao grupo dominante. Essa passagem ilustra igualmente a solidão no momento de articular discordância e oferecer resistência. A protagonista se encontra sozinha, diante de um grupo fechado que entende ter a resposta. Também essa experiência forma uma sensibilidade para enxergar as configurações da violência e as modalidades de hierarquização que legitimam os diferentes pesos e medidas.

O agente público como irradiador de configurações da violência também se encontra no rol de personagens do romance de Diran Adebayo. O texto encena as experiências do protagonista, Dele, de origem nigeriana, na Inglaterra. Num episódio, a voz narrativa expõe um choque com a polícia:

*Um trailer carregado de policiais – deviam ser seis ou sete – uniformizados, saíram correndo, gritando instruções estranguladas, depois dois avançaram sobre Dele, braços na cintura, cassetetes a postos. Conversa sobre um martelo para pegar uma noz. O que eles esperavam encontrar? Mas Dele não iria a lugar nenhum, não com sua irmã enfiada em um Rover e Concrete Deus sabe onde. Então, ele simplesmente se esquivou do oficial que quis agarrá-lo e passou por outro, alcançando o Rover. Contudo, os outros estavam se aproximando, e alguém deu uma bordoadada na lateral de sua cabeça, atordoando-o, e havia uma bota em sua traqueia. Como isso podia estar acontecendo? Em plena rua! Se eles podem fazer o que estão fazendo, eles podem fazer qualquer coisa (ADEBAYO, 1996, p. 74-75, tradução nossa)<sup>8</sup>.*

7 No original: "Die Deutschlehrerin unterrichtete auch Sozialkunde, es ging um Ausländerkriminalität, und alle waren für sofortige Abschiebungen krimineller ausländischer Elemente. Genauer gesagt ging es um den Fall Mehmet: Ein Straftäter, dessen Bekanntheit auch ich nicht hätte machen wollen, aber was genau ihn eigentlich von einem deutschen Kriminellen unterschied, abgesehen davon, dass er zwar in Deutschland geboren, in München aufgewachsen und ausschließlich in deutschen staatlichen Ausbildungseinrichtungen sozialisiert worden war und dennoch keine Staatsbürgerschaft besaß, begriff ich nicht".

8 No original: "A trailer-load of police – there must have been six or seven – uniformed, rushed out, shouting out strangled instructions, then two bore down on Dele, arms akimbo, truncheons at the ready. Talk about a hammer to catch a nut. What did

O romance de Adebayo é também um romance de formação, da formação de um jovem negro, oriundo de uma família com um histórico de imigração, que busca se apropriar dos instrumentos culturais necessários para participar plenamente da sociedade inglesa, como qualquer outro jovem. O que caracteriza sua experiência, contudo, é o tratamento diferenciado que recebe de atores sociais pertencentes ao grupo majoritário. Na passagem, esse tratamento vem a lume por meio das ações de agentes policiais. Dele não antecipa ser interpelado pela polícia e, muitos menos, ser alvo da violência de agentes públicos, uma vez que o jovem estuda numa universidade de elite, transitando com atores sociais pertencentes às classes abastadas do país.

Com isso, uma parte de sua formação (nesse *Bildungsroman*) reside em entender a violência da qual é alvo por conta de sua pele. Diante da experiência da violência gratuita perpetrada pelos agentes policiais, Dele também começa a perceber que seu corpo é enquadrado em outra escala de respeito e sacralidade. Também aqui, a lógica dos dois pesos e das duas medidas vem à tona. Ainda nessa esteira, Dele se dá conta do poder e da proteção institucional de que a polícia goza. Daí ele conclui que, se a polícia não precisa mascarar a violência em plena rua, ela não tem quaisquer restrições para violar o corpo daquele que, a seus olhos, não pertence ao próprio grupo. Essa passagem é central no romance por um outro motivo, pois pela primeira vez o protagonista se dá conta de sua impotência e seu mais completo isolamento diante do poder das instituições, o que reforça os paralelos com as experiências expostas nos romances anteriores.

O último romance a ser discutido aqui é *Amanhã, numa boa*, de Faïza Guène. O texto narra a experiência de uma adolescente de origem magrebina na periferia de Paris. Recheado de episódios de xenofobia, hostilidade e os mais diferentes graus de violência, destaca-se aqui uma passagem que se passa com o amigo Hamoudi no local de trabalho. Hamoudi tem um histórico sociocultural parecido com o da protagonista e provém de um contexto social extremamente fragilizado, quando finalmente consegue um lugar de trabalho que poderia representar o ponto de partida para a mudança. É nesse espaço da esperança que ocorre o seguinte:

*O Hamoudi tava gostando do trabalho. Tava começando a achar a legalidade uma coisa bacana. Mas foi demitido, porque umas coisas andaram desaparecendo do depósito. Pelo menos seis mil euros de material, e acusaram Hamoudi. Nem mesmo os pais acreditaram nele, quando ele negou a história. De qualquer modo, eles tão convencidos de que ele não vale nada, coisa que, aliás, não pararam de repetir (GUÈNE, 2006, p. 111).*

O acesso a recursos econômicos tem um papel central para escapar da fragilização social que acomete muitos imigrantes e filhos de imigrantes, como é o caso de Hamoudi. A chance de trabalho, portanto, não significa somente segurança financeira; ela implica também um potencial de escapar da violência. Nesse caso, contudo, Hamoudi imediatamente se torna alvo de suspeita, sendo demitido, sem chances de esclarecimentos. O contexto da passagem revela que isso não remete somente a um espaço de trabalho específico, mas se repete

---

*they expect to find? But Dele wasn't going anywhere, not with his sister stuffed in a Rover and Concrete Lord knows where. So he simply side-stepped one officer's grasp, and eased past the other, reaching for the Rover. Only the others were closing in, and someone thwacked him on the side of the head, stunning him, and there was a boot on his windpipe. How could this be going on? On the flippin' street! If they could do this that they're doing, they might do anything".*

de outras formas em outros contextos, sugerindo que há formatações discursivas que predisõem uma certa atitude. Assim, Hamoudi é alvo da hostilidade latente, sendo arremessado para a fragilização social que tende a produzir mais violência.

Em todos esses romances, as passagens ilustram diferentes formas de hostilidade e violência. Nessas situações, personagens oriundos de contextos minoritários são alvos de violência em decorrência de configurações discursivas que circulam em seus respectivos espaços sociais, propiciando, de certo modo, a legitimação de atos violentos. Diante dessa experiência, os personagens precisam aprender a se proteger, treinando não somente habilidades de defesa, mas também uma sensibilidade que lhes permita neutralizar o silenciamento implicado no ato da violência.

### TRAJETOS: VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Nesta última seção, o foco recai sobre a violência na família. O espaço familiar representa o primeiro e mais importante círculo social, em que o indivíduo internaliza as primeiras noções das normas sociais e no qual também aprende a articular sua voz. Família representa igualmente o espaço de proteção afetiva, ao qual o sujeito recorre sempre que as esferas mais complexas desestabilizam a legitimidade de seu ser no mundo, ao excluir, discriminar ou atacar explicitamente. Se a violência ocorre no seio da família, o indivíduo está duplamente isolado, pois perde um espaço de extrema relevância para a economia afetiva. Junta-se a isso a internalização do silenciamento em decorrência da violência. Se no espaço familiar o sujeito já não tem a chance de exercer a autonomia da sua voz, articulando discordância ou verbalizando alternativas de convívio social, as dificuldades de defesa e de posicionamentos firmes em esferas mais complexas se tornam ainda maiores. Ademais, a família está sempre presente, no espaço de origem ou de assentamento; próxima ou a distância, ela permanece como carga memorial e afetiva que acompanha o indivíduo a todo lugar. Para ilustrar essa dinâmica, recorre-se aos romances *Europastraße 5*, de Güney Dal, *Adua*, de Igiaba Scego e *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz.

O primeiro romance a ser discutido nesta seção é *Adua*, de Igiaba Scego. O texto retrata o percurso de pai e filha, oriundos da Somália, em sua permanência na Itália, em diferentes momentos históricos. A passagem destacada provém das seções narradas a partir da perspectiva paterna, neste caso, ainda na Somália:

*Está chorando, Adua? Me desonras assim? As boas garotas nunca choram. Viu sua irmã Malika? Não derramou sequer uma lágrima, e você, o que está fazendo agora? Me inunda? O que é um cortinho, Adua? Não faça uma tempestade em copo d'água, vamos lá, isso me irrita. Tia Fardosa chamou a melhor infibuladora para fazer-lhe o gudnisho. Agora você se livrou, Adua, pense só nisso. Não tem mais aquele maldito clitóris que suja toda mulher. Zac, cortaram fora, finalmente! Sejam dadas graças ao Senhor. A dor vai passar. A dor é passageira. A alegria desta libertação, pelo contrário, é duradoura. Depois haverá somente a felicidade de ser pura, finalmente fechada como Deus manda. Seu sexo não ficará mais pendurado, Adua. É bonito ser pura. É lindo. Pense na linda vida sem aquele chocalho imundo que se dependurava de maneira obscena entre as coxas, como se fosse um homem (SCEGO, 2018, p. 87).*

Como em vários outros romances da literatura de fluxos migratórios, a relação entre pai e filha é altamente conflituosa. Ainda no seio da família, Adua é vítima de violência, na medida em que o pai tenta impor sua visão de mundo ao corpo da filha. Tendo seu comportamento legitimado pela tradição, portanto, pelas configurações discursivas que definem o que é e o que não é violência, o pai entende que a mutilação genital não é violência. Pelo contrário, a passagem contém uma série de elementos que tentam inculcar em Adua a convicção de que a mutilação é algo positivo, desejável e que lhe trará benefícios. Nesse momento de sua vida, Adua ainda não tem os instrumentos discursivos (tampouco econômicos) para oferecer resistência. Acuada diante da onipotência discursiva, ela não tem outra alternativa a não ser se submeter à lei do pai.

Seu processo de imigração à Itália – onde ela é vítima de outras formas de violência – abre-lhe novos horizontes sobre o corpo feminino. Ao ser confrontada com outros modos de pensar a sexualidade, ela revisita o passado, relendo seus signos a partir de um novo crivo de percepção. Essa transformação também cria o espaço para uma nova interpretação de realidade e nutre a instauração de uma sensibilidade, passando a enxergar outras formas de se posicionar no mundo. Na esteira dessa sensibilidade, Adua começa a articular sua própria visão, a despeito das diversas estratégias de silenciamento com que se vê confrontada. As marcas da violência, contudo, permanecem, não só em forma de mutilação, mas também de trauma.

Com *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, Junot Díaz, autor de origem dominicana radicado nos Estados Unidos, escreve um romance que narra os desafios da primeira e segunda gerações de uma família dominicana em solo americano. Como Julia Alvarez, Junot Díaz também problematiza a violência decorrente da ditadura de Trujillo. Aqui, a passagem remete ao relacionamento entre mãe e filha. Socializada na República Dominicana, a mãe Belicia traz em sua bagagem não somente as marcas traumáticas da violência ditatorial, mas também uma visão de mundo pautada pelos princípios do machismo e do patriarcado, que ela tenta impor à filha Lola, cuja socialização ocorre nos Estados Unidos:

*Mami era uma das mulheres mais altas de Paterson e sua raiva atingia a mesma altura. Agarrava você com seus braços longos e, se sentisse o menor sinal de fraqueza, já era. Que muchacha tan fea, dizia, indignada, despejando o resto do café na pia. Fea passou a ser meu novo nome. Grande novidade! Ela falava dessa maneira desde que eu era pequena. Garanto que jamais ganharia prêmios. Podia ser descrita perfeitamente como uma mãe ausente: se não estava no trabalho, dormia e, quando dava as caras, na maioria das vezes gritava e esbofeteava. Quando eu e o Oscar éramos pequenos, tínhamos mais medo dela que do escuro e del cuco* (DÍAZ, 2009, p. 63).

Perpassado por conflitos violentos, o relacionamento entre mãe e filha é caracterizado pelo princípio do silenciamento. Com efeito, Belicia tenta impor uma imagem de mulher à filha adolescente com a qual Lola tem dificuldades de conviver. O atributo “feia” serve como instrumento para disciplinar a filha. Dependente do investimento afetivo materno, a filha, numa primeira fase, se subordina a essa imagem, até o momento em que não está mais disposta a aceitar as narrativas da mãe. A passagem contém elementos da violência física e, sobretudo, verbal. A mãe sabe como utilizar palavras para romper a volição da filha. Quando ela foge de casa, Belicia não hesita em enviá-la para a casa da avó, na

República Dominicana, como estratégia de reeducação e disciplinamento. A permanência no exterior, longe da figura materna, contudo, permite a Lola se reinventar e rever sua identidade feminina. Nesse processo de reinvenção, ela também se apropria dos mecanismos de articulação, por meio dos quais obtém agência e autonomia. Como no caso de Adua, a distância do círculo familiar restrito é algo positivo, pois abre caminhos para escapar da violência e idear novas formas de ser no mundo.

O romance *Europastraße 5*, de Güney Dal, por fim, tem como foco as experiências de imigrantes turcos na Alemanha. No enredo, o protagonista precisa viajar para a Turquia e, no caminho, conhece outros imigrantes, entre eles, outra família turca, cujo comportamento se caracteriza pelo pensamento patriarcal, conservador e homofóbico, o que Dal claramente tem como foco de crítica social. Na passagem que segue, a voz narrativa relata um episódio entre o protagonista e sua esposa, ainda na Turquia:

*De qualquer maneira, só bati em Sünbül uma vez, e isso em Çanakkale. Eles tinham acabado de nos casar e eu não sabia que ela tinha uma doença tão estranha. Um dia, ela simplesmente fugiu de casa e estava prestes a correr para as montanhas perto do campo de aviação quando a interceptei com meu pai no caminho e a trouxe para casa. Sim, naquela época eu bati muito na minha pequena Sünbül. Achei que ela não gostasse de mim, que ela não me quisesse (DAL, 1990, p. 57, tradução nossa)<sup>9</sup>.*

Como nos outros romances, o protagonista, ao menos num primeiro momento, não entende ser violenta a maneira como se aproxima de sua esposa, quando ela não segue seus imperativos. Também aqui, suas ações estão, até certo ponto, legitimadas pelas configurações discursivas que circulam nesse espaço e que preveem a submissão da mulher à lei do patriarcado. Nesse horizonte, o protagonista entende que, se a esposa não tem apreço por ele, motivando sua fuga, isso representa uma justificativa, sem necessidade de mais detalhamento, para o uso da violência. Ou seja, sua socialização cultural lhe fornece uma interpretação de realidade que sugere diferentes graus de aceitabilidade da violência.

Nos três textos, a violência ocorre no seio da família, entre pais e filhos ou entre marido e esposa. Nos três casos, os perpetradores legitimam suas ações com base na socialização cultural, que revela diferentes formas de enxergar a violência, definindo determinados cursos de ação não como violentos, mas, sim, como necessários a partir de sua interpretação de mundo. Também aqui, o que caracteriza as experiências dessas personagens é um isolamento aterrador, tendo que processar experiências de silenciamento sem qualquer esteio afetivo de terceiros. Os romances encenam, num processo paulatino, como as vítimas de violência vão instaurando uma sensibilidade que lhes permite nomear as ações violentas e se afastar das interpretações dominantes que as legitimam. Essa obtenção de agência, obviamente, ocorre em diferentes escalas, em consonância com as chances que cada uma dessas personagens tem para aprender a enxergar o mundo de outra forma e questionar os sentidos impostos.

<sup>9</sup> No original: "Ich habe Sünbül ohnehin nur einmal geschlagen, und das in Çanakkale. Sie hatten uns gerade verheiratet, und ich wußte nicht, daß sie eine so merkwürdige Krankheit hatte. Sie war eines Tages einfach von zu Hause weggelaufen und gerade dabei, dahinten auf die Berge beim Flugplatz zuzulaufen, als ich sie mit meinem Vater auf dem Weg abfieng und nach Hause brachte. Ja, und damals hab ich meine kleine Sünbül sehr verprügelt. Ich dachte, sie mag mich nicht, sie will mich nicht".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão nas três seções sugere que a definição de violência sempre depende também de um conjunto de configurações discursivas que legitimam ou não certas formas de violência. Com isso, uma definição categórica do conceito de violência pode ser um movimento problemático, uma vez que em determinados contextos socioculturais e espaçotemporais algumas modalidades de comportamento violento não são assim consideradas. A constatação de Galtung continua relevante. Mais importante que uma definição cabal é a discussão em torno da questão da violência, a fim de criar instrumentos que permitam enxergar comportamentos alheios que são deletérios para a existência de outros. Para isso, a promoção de uma sensibilidade capaz de enxergar dimensões da violência é essencial. É a partir dessa sensibilidade que se desencadeia um processo de nomeação e contestação das malhas de silenciamento que se instauram em decorrência do uso de violência.

Os estudos literários têm um papel fundamental nessa discussão, uma vez que o texto literário tem como uma de suas finalidades primárias aguçar a sensibilidade. Com base na metodologia comparatista, é possível identificar paralelos transnacionais da violência, mas também problematizar modalidades de articulação que talvez ainda não circulem em determinados espaços socioculturais. Lembremo-nos de que as configurações discursivas de nossa socialização cultural condicionam, em grande medida, aquilo que podemos enxergar. Com isso, discutir a questão da violência numa perspectiva comparatista pode ser um caminho para encontrar brechas em direção a outros crivos de percepção que permitem enxergar o próprio espaço a partir desse olhar estranhado. Nesse sentido, discutir os imaginários que a arte literária oferece contém um potencial relevante para entender o escopo da violência e contribuir para a circulação de ideias.

## VIOLENCE, OUTSKIRTS, MIGRATIONS: NOTES FOR COMPARATIVE LITERATURE

**Abstract:** This article aims to discuss dimensions of violence, focusing on the literature on migratory flows. The introduction presents some dimensions of the concept of violence that are relevant for thinking about its scope in literary representation. In the following sections, the focus is on forms of violence in spaces of origin, settlement spaces, and the family sphere. In all these dimensions, violence is not explicitly recognized as such, given the discursive configuration in which it is perpetrated. For its recognition, a sensitivity that allows seeing alternative interpretations of reality is necessary, in order to contest dominant practices and to name forms of violence. Literary art, by nature, is interested in perception and sensitivity and can contribute to problematize experiences of violence. In this sense, the methodology of comparative literature is especially interesting, as it allows recognizing parallels and gaining access to new forms of perception.

**Keywords:** Violence. Literature of migratory flows. Comparative literature. Literature and fringes. Literature and minorities.

**REFERÊNCIAS**

- ADEBAYO, D. *Some kind of black*. London: Abacus, 1996.
- ALVAREZ, J. *Antes da liberdade*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BANK, A.; FRÖHLICH, C.; SCHNEIKER, A. The political dynamics of human mobility: migration out of, as and into violence. *Global Policy*, v. 8, suppl. 1, p. 12-18, 2017.
- DAL, G. *Europastraße 5*. Tradução do turco Carl Koß. München: Piper, 1990.
- DÍAZ, J. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Tradução Flávia Anderson. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- FARHOUD, A. *Le fou d'Omar*. Montréal: VLB éditeur, 2005.
- GRJASNOWA, O. *Der Russe ist einer, der Birken liebt*. München: Carl Hanser Verlag, 2012.
- GUÈNE, F. *Amanhã, numa boa*. Tradução Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- HAAN, W. de. Violence as an essentially contested concept. In: BODY-GENDROT, S.; SPIERENBURG, P. (ed.). *Violence in Europe*. New York: Springer, 2008. p. 27-40.
- KARA, Y. *Selam Berlin*. Zürich: Diogenes, 2004.
- KHIDER, A. *Der falsche Inder*. Hamburg: Edition Nautilus, 2008.
- RONDELLI, E. Imagens da violência: práticas discursivas. *Tempo Social*, v. 10, n. 2, p. 145-157, 1998.
- SCEGO, I. *Adua*. Tradução Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.